

BOLETIM DA IMPRENSA

**Os jornaes de Lisboa resolveram
manter a sua suspensão**

AO PUBLICO

As empresas dos jornaes de Lisboa, com exceção do jornal "A Batalha", julgam-se no dever de explicar ao publico a attitude que se viram, coletivamente, obrigadas a tomar, suspendendo a sua publicação.

O facto que deu logar a essa attitude foi o seguinte: durante o decurso d'uma reunião celebrada para estudar as reclamações recentemente apresentadas aos jornaes de Lisboa pela Federação do Livro e do Jornal e, precisamente no momento em que, na apreciação d'essas reclamações, as empresas ali representadas demonstravam o seu melhor desejo de conciliar os seus interesses e os seus recursos com as exigencias do seu pessoal, o representante d'"A Batalha" fez, a proposito d'um incidente qualquer, a declaração de que "a Federação votára uma moção pela qual a classe grafica se comprometia a não compôr, nem imprimir qualquer jornal sempre que "A Batalha" fosse por qualquer forma impedida de circular."

O conhecimento d'este facto que, apesar do representante da "Batalha" dizer ser já do dominio publico, era ignorado de todos os presentes, provocou em todos os delegados da imprensa de Lisboa um immediato protesto.

Admitir, sancionar tão inaudita intromissão da classe tipografica, não já na vida material, mas na vida moral das empresas, seria o cumulo da traqueza e da indignidade.

Os directores dos jornaes de Lisboa sabem bem a solidariedade que se devem entre si e não a recusariam á "Batalha" como a não recusariam a qualquer outro colega, fosse ele qual fosse, desde que a sua consciencia e a defeza de comuns direitos e interesses lh'a impozessem. O que as empresas não podiam, nem podem admitir é que seja o seu pessoal tipografico o arbitro d'esses deveres de solidariedade --- e que esta, em logar de ter a força moral d'um sentimento de respeito individual e coletivo, passe a ter o caracter d'uma humilhante imposição operaria.

O que as empresas não podiam, nem podem admitir é o precedente d'uma tirania e d'uma ameaça constantes exercidas dentro das suas casas pelos seus empregados --- nem a pressão permanente d'uma solidariedade incondicional com um determinado jornal que assim ficaria gosando, na imprensa portu-gueza, d'uma situação de privilegio.

Em face de tão estranha, injustificavel e absurda situação, sem exemplo em nenhum outro paiz do mundo, as empresas deliberaram suspender a sua publicação e romper as suas relações com a Federação do Livro e do Jornal até que a declaração do representante d'"A Batalha" fosse devidamente esclarecida pela classe grafica. As transigencias não podem ir até ao vexame, nem empresas, que representam interesses ou sacrificios importantes, podem estar á mercê de contingencias da ordem d'a- quella que acima fica enunciada.

De resto, a imprensa representa, na civilização moderna, o mais alto principio e a mais alta conquista de liberdade do pensamento. A sua primeira obrigação é respeitar a sua liberdade.

Horas depois d'esta reunião, algumas empresas eram informadas de que a resolução da Federação do Livro e do Jornal não se referia apenas á "Batalha" mas a todo o jornal que fosse vítima de qualquer violencia.

A explicação não colhia. As empresas jornalisticas não estavam, nem estão dispostas a entregar nas mãos dos seus tipografos ou de quaesquer empregados seus o uso que devam fazer da sua solidariedade --que é, como não pode deixar de ser, uma atribuição liberrima, de quem dirige um jornal e que tem de ser fatalmente relativa ás circumstancias em que os factos se produzam. Se ámanhã um jornal se permitir fazer, por exemplo, uma propaganda dissolvente, que leze, n'um dado momento, os interesses e os destinos superiores da Patria, e que um governo legitimamente queira impedir, todos os jornaes, pela imposição dos seus quadros graficos, pela abusiva força do numero, hão-de, quer queiram quer não, sofrer-lhe as consequencias, deixando de publicar-se?

Não. Não pode ser. Sancionar tal violencia seria uma abdicação da propria dignidade profissional. As empresas jornalisticas esperam que a classe tipografica reconsidere e, se estão dispostas, com o espirito até de sacrificio que n'esta hora se impõe a todos, e na justa medida do possivel, a tratar com essa classe em tudo quanto diga respeito a regalias individuais ou coletivas, de caracter economico, repelem toda e qualquer intromissão alheia, seja ela qual fór, nos seus destinos e no exercicio dos seus deveres.

Capital
Diario de Noticias
Epoca
Jornal do Comercio
Jornal da Tarde
Luta
Manhã

Mundo
Opinião
Portugal
Republica
Seculo
Vanguarda
Vitoria

A empresa do jornal O SECULO, perfilhando em absoluto a doutrina d'esta declaração, torna-se solidaria com os seus colegas, apesar do seu pessoal grafico nada ter com as resoluções da Federação do Livro e do Jornal.

O PRODUTO DA VENDA D'ESTE BOLETIM REVERTE A FAVOR DOS POBRES DE LISBOA